

COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

ESCOLA

No. 5 - FEVEREIRO 2012 - FERRAMENTAS DE TRABALHO PARA OS PROFESSORES

N.º1 • OUTUBRO 2011

Grupos interativos

N.º2 • NOVEMBRO 2011

Leitura dialógica

N.º3 • DEZEMBRO 2011

Participação e Formação de Familiares

N.º4 • JANEIRO 2012

Tertúlias dialógicas

N.º5 • FEVEREIRO 2012

Prevenção à violência de gênero

N.º6 • MARÇO 2012

Convivência

N.º7 • ABRIL 2012

Desenvolvimento emocional

N.º8 • MAIO 2012

Transformação do entorno

N.º9 • JUNHO 2012

Educação em valores

PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO



ELENA DUQUE/ UNIVERSIDADE DE GIRONA

Em 9 de janeiro de 2012 foram assassinadas cinco mulheres na Espanha. A violência de gênero é uma praga social que, ao invés de desaparecer, continua presente na nossa sociedade. As pesquisas científicas (Oliver e Valls, 2004) e a realidade cotidiana mostram como mulheres jovens, de todas as culturas, com diferentes níveis acadêmicos e status socioeconômicos, sofrem, a cada dia, quebrando os estereótipos que as encaixam como sendo maiores de idade, sem estudos e dependentes economicamente da pessoa que as maltrata. No entanto, os assassinatos e o maltrato não são fatos isolados, nem casuais, que ocorreriam de forma imprevisível e inexplicável, mas são antes a consequência de um processo de socialização. É neste sentido que a educação, em geral, e os centros educacionais, concretamente, têm muito a contribuir para a erradicação da violência de gênero.

Há muitas campanhas de prevenção

à violência de gênero, programas ou estudos, mas nem todos estão baseados em evidências científicas. O Centro de Investigação de Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades, CREA (<http://creaub.info>), há mais de dez anos, vem fazendo uma pesquisa sobre prevenção à violência de gênero. A pesquisa pioneira O amor na sociedade de risco. Uma tentativa educacional, de Jesús Gómez, desenvolveu a linha de Socialização preventiva à violência de gênero. Esta linha de pesquisa estuda as interações sociais (meios de comunicação, grupos de identificação, família, centro educacional...) que geram socialização e aprendizagem de modelos amorosos e atrativos, vinculados à violência de gênero.

As ciências sociais já trataram do problema do amor e analisaram os aspectos sociais que influenciavam as relações afetivo-sexuais e seu caráter social (Beck e Beck-Gernsheim, 1998; Giddens, 1995), no entanto, até mesmo para estes autores, escaparam alguns elementos

centrais, e eles acabaram construindo repostas “acientíficas” para o amor. Assim como propõem Beck e Beck Gernsheim, (1998, p. 350) o amor acontece, cai como um raio, ou se apaga, respeitando leis não abertas à intervenção individual nem ao controle social.

Na linha de pesquisa sobre socialização preventiva, são incorporadas diferentes teorias como o interacionismo, de Mead (1990), a Teoria da Ação Comunicativa, de Habermas (1987), e a proposta das emoções, de Elster (2001), que explicam como são criados o gosto e o desejo. É nessa linha de pesquisa que pode-se deduzir como a atração é fruto das interações sociais, assim como nossos desejos.

O elemento central identificado nesta linha de pesquisa é a existência de um vínculo entre atração e violência. Isto significa que, socialmente, sentimos mais atração por pessoas que exercem o poder, a dominação, e, inclusive, o desprezo e a violência; enquanto que as “boas pessoas” são consideradas apropriadas e adequadas, mas não são excitantes nem desejáveis.

O exemplo bem claro pode ser encontrado nos meios de comunicação. A pessoa que é apresentada como “sexy e desejável” em um filme é aberta ao diálogo? Tem valores positivos? A pessoa com valores solidários aparece como excitante? A relação apaixonada é de diálogo ou de conflito? A relação “apropriada” é monótona? É excitante? Este exemplo extraído dos meios de comunicação não se confunde com a acusação de culpá-los pela violência de gênero, pois a atração da violência é evidente, tanto nos meios de comunicação, como na literatura clássica, assim também no dia a dia de nossas vidas. Frases como: “Sei que não é apropriado, mas não posso controlar, eu gosto”, ou então, “É um bom amigo, portanto, nunca me envolveria com ele”, são a evidência desta distinção entre “o apropriado não excitante” e o “não apropriado desejável”.

Se partirmos da realidade dos centros educacionais, nos encontraremos com o fato de que já existe violência de gênero no seu interior. Está presente como violência física, mas principalmente como desprezo e maltrato psicológico, perseguição, etc. A falta de reconhecimento da problemática é o primeiro impedimento

para poder trabalhar a prevenção da violência de gênero nos centros educacionais e, desse modo, temos as desculpas perfeitas para não trabalhar o assunto em cada nível educacional: “são ainda muito pequenos e pequenas” na Educação Infantil; “são coisas de meninos/meninas” no Ensino Fundamental; é “típico de adolescentes” no Ensino Médio, e “já são grandinhos” na educação de jovens e adultos... O assunto sempre é evitável e, desta maneira, evitamos que prevenção aconteça e se reproduza. Entretanto, existem centros educacionais que trabalham a coeducação, a educação sexual, etc. Mas, o que nos interessa na prevenção à violência de gênero é que a educação incida realmente na erradicação da violência de gênero. A questão central é se a educação incide ou não sobre o fato de que as meninas e meninos participantes não se apaixonem, nem no presente, nem no futuro, por pessoas que as maltratam. É este o assunto que é preciso abordar.

Partindo da linha de pesquisa da socialização preventiva à violência de gênero, trata-se de trabalhar com um objetivo claro: esvaziar o que há de atrativo na violência e dotar de atrativa a não violência. Não podemos ficar na linguagem da ética (Flecha e Puigvert, 2010) onde somente colocamos o que é apropriado e o que não é.

Todo mundo sabe que não é apropriado manter relações afetivas e sexuais com um assassino, e isso não impede que o autor confesso de matar várias jovens, como o “Maníaco do Parque”, tenha inúmeras fãs. É preciso trabalhar a partir da linguagem do desejo (Flecha e Puigvert, 2010) tornando os modelos igualitários mais atrativos. Não adianta nada fomentar comportamentos igualitários entre meninos e meninas se, paralelamente, fomenta-se a ideia de que “os que brigam se desejam”; não adianta nada educar para a corresponsabilidade se o modelo masculino “excitante” é considerado oposto ao de um “bom amigo”. Citando a pesquisa pioneira de Gómez (2004, p. 99): “A insatisfação das relações baseadas, seja em “só ficar” (paixão sem amor), seja na estabilidade (amor sem paixão), apenas pode ser superada unindo na mesma pessoa ternura e excitação, amizade e paixão, estabilidade e loucura”.

A FALTA DE RECONHECIMENTO DA PROBLEMÁTICA É O PRIMEIRO IMPEDIMENTO PARA TRABALHAR A PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO NOS CENTROS EDUCACIONAIS

BIBLIOGRAFIA:

- » Beck, U.; Beck-Gernsheim E. (1998) El normal caos del amor. Barcelona: El Roure.
- » Elster, J. (2001) Sobre las pasiones. Emoción, adicción y conducta humana. Barcelona: Paidós.
- » Flecha, A., & Puigvert, L. (2010). Contributions to social theory from dialogic feminism. In P. Chapman (Ed.), Teaching social theory. New York, NY: Peter Lang.
- » Giddens, A. (1995) La transformación de la intimidad. Sexualidad, amor y erotismo en las sociedades modernas. Madrid: Cátedra.
- » Gómez, J (2004): El amor en la sociedad del riesgo. Una tentativa educativa. Barcelona: El Roure.
- » Habermas, J. (1987) Teoría de la acción comunicativa. Madrid: Taurus.
- » Mead, G.H. (1990) Espíritu, Persona y Sociedad. México: Paidós.
- » Oliver, E.; Valls, R. (2004) Violencia de género. Investigaciones sobre quiénes, por qué y cómo superarla. Barcelona: El Roure.

ERRADICAR A VIOLÊNCIA DE GÊNERO ATRAVÉS DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

PATRICIA MELGAR/ SECRETÁRIA DA
PLATAFORMA UNITÁRIA CONTRA AS
VIOLÊNCIAS DE GÊNERO

Nos últimos 30 anos, assistimos a grandes mudanças sociais a favor dos direitos da mulheres. Apesar de que ainda falta um longo caminho, podemos olhar para trás com a satisfação de ter dado passos importantes. Mas esta afirmação perde parte de sua veracidade quando falamos sobre violência de gênero. O aumento de sua presença nas relações afetivas e sexuais de meninas e meninos adolescentes preocupa profundamente as organizações, como a nossa, que trabalham pela igualdade. As meninas que são assassinadas pelos seus companheiros ou ex-companheiros, o número de denúncias feitas por meninas menores de 30 anos, ou a realidade que podemos observar nas escolas, está muito distante da construção de futuras sociedades sem violência. Neste sentido, torna-se significativo o fato de que, na oficina realizada em novembro de 2011, com 60 meninos e meninas, trabalhando em pequenos grupos de seis pessoas, todos os grupos tenham relatado casos de violência de gênero vivenciados com ou entre colegas do centro educacional.

É por isso que, para a Plataforma Unitária contra as Violências de Gênero, a prevenção à violência de gênero tem sido prioritária desde a sua formação em 2002. Assim como está refletido em nosso manifesto, o trabalho com educação e socialização preventiva que realizamos, toma como ponto de partida o caráter social em que se baseia a violência de gênero, desmistificando os modelos de masculinidade hegemônica atraentes, com a finalidade de evitar qualquer tipo de violência, tanto nas relações estáveis como nas esporádicas.

A superação da violência de gênero requer a abordagem integral de todas as áreas e precisa contar com o envolvimento de toda a sociedade. Nesta linha foi aprovada, em 2004, a Lei Orgânica 1/2004, de 28 de dezembro, de Medidas de Proteção Integral contra a violência de gênero. Os artigos da lei, apesar de terem sido parcial-

mente vetados pelos representantes políticos, reuniam algumas das aspirações que as várias organizações vinham sonhando há muito tempo para começar o caminho no sentido das relações mais igualitárias. Dentre elas, havia um peso específico para o desenvolvimento de ações educativas. Como resultado, iniciaram-se programas como oficinas com meninos e meninas, cursos de formação para profissionais de diferentes campos, campanhas midiáticas... Mas estas atuações são somente uma pequena gota de chuva que aparecia de vez em quando no meio do período de seca. Nunca foi uma ação integral com suficiente continuidade de tempo e acompanhamento para conseguir o enraizamento das mudanças necessárias para a socialização das relações amorosas dos meninos e meninas, e, com isso, desenvolver a transformação social em relação à violência de gênero.

Como fazer uma efetiva prevenção à violência de gênero? A própria lei dava a resposta e colocava o foco em uma instituição que, por seu papel na sociedade, poderia e deveria encabeçar esta transformação: a escola. Com isso, a lei não revelava nada novo, já que há décadas se considera a educação como ferramenta de transformação social.

Professores e professoras, assim como associações de familiares envolvidos na Plataforma, concordavam em avaliar a idoneidade da proposta, mas também detectavam que a complexidade desta tarefa requeria uma formação. Esta questão também contemplava a lei de uma maneira tal que, segundo avaliamos na Plataforma, faria com que esta atuação fosse a mais efetiva já realizada até o momento em matéria de prevenção à violência de gênero. Concretamente, no artigo 7, era feita referência à formação inicial e continuada dos professores, do seguinte modo:

As administrações educacionais adotarão as medidas necessárias para que nos programas de formação inicial e continuada dos professores seja incluída uma formação específica em matéria de igualdade, com a finalidade de assegurar a aquisição dos conhecimentos e das

técnicas necessárias (...).

Aqui estava reconhecida a importância da atuação dos e das profissionais da educação nos centros educativos para conseguir a erradicação da violência e, conseqüentemente, a necessidade de proporcionar a eles a devida formação.

Mas os programas de estudos das carreiras universitárias de formação de professores que foram implementados naquele momento não proporcionavam essa formação para as futuras professoras e professores, tal como constatavam os resultados da pesquisa orientada por Lidia Puigvert, Incidência da Lei Integral contra a Violência de Gênero na formação inicial dos professores (Instituto da Mulher. Plano Nacional I+D. 2007-2010). É por isso que, em 2007, começamos a campanha “Erradicar a violência de gênero formando os profissionais da educação”, através da qual exigimos o cumprimento da lei. No momento de iniciar esta campanha, nossas universidades estavam imersas em um processo de mudança em diferentes instâncias, entre as quais se encontrava a organização e verificação do ensino universitário oficial. Ou seja, estavam elaborando os novos programas de estudo. Portanto, tratava-se de um momento propício para a inclusão desses conteúdos.

Durante estes cinco anos, muitas universidades avançaram e, atualmente, estão envolvidas no desenvolvimento dessa tarefa. Mas outras continuam não cumprindo a lei, pois não incorporam nos programas de estudo de formação inicial e continuada dos professores uma formação específica sobre violência de gênero. Nestas universidades, os decanos e decanas que se pronunciaram sobre o assunto estiveram amparados pela justificativa de que se trata de um trabalho que eles já desenvolvem de modo transversal através da temática do gênero. Portanto, nessas faculdades, nos estudos de Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio... Eles nunca chegam na parte em que é analisada a violência de gênero e nunca são proporcionadas estratégias para abordar o assunto.

Por isso, seus alunos vivem em um de-

scompasso entre o que exige a lei e a realidade vivida nos centros educacionais, e os conhecimentos e estratégias que são proporcionados durante seu processo de formação.

Essas resistências e falta de apoio nos fazem pensar que as universidades acreditam, erroneamente, que a violência de gênero

é uma problemática alheia, não somente alheia a sua instituição, mas também em relação às profissões que estão formando. A universidade, assim como as outras estruturas, é uma instituição que também precisa se transformar e quebrar o silêncio. Na outra face na moeda, reconhecemos o trabalho

daquelas universidades que iniciaram seu caminho nestes temas há alguns anos e que, atualmente, estão conseguindo com que professores e professoras possam ser incorporados no trabalho conjunto que devem realizar, entre todos e todas, para abordar, de modo integral, a violência de gênero.

PROJETO “QUEBRA MITOS – SOMOS TODOS IGUAIS”. ASSOCIAÇÃO HÈLIA

MONTSERRAT VILÀ/ ASSOCIAÇÃO HELIA.

A Associação Hèlia (<http://www.heliadones.org/>), que apoia às mulheres que sofrem violência de gênero, é formada por voluntárias e profissionais que trabalham para conseguir a plena recuperação e reparação do dano sofrido por estas mulheres. Nosso objetivo é promover programas de sensibilização, prevenção e atenção, para conseguir a erradicação da violência machista.

Trabalhamos em redes, por exemplo, a WAVE (<http://www.wave-network.org/>), uma rede de organizações de mulheres europeias, com sede em Viena. Na Catalunha, participamos do programa “Quebramos o silêncio” (“Trenquem el silenci”), sobre prevenção nos centros educacionais, com oficinas, palestras para os jovens, professores e professoras, mães e pais.

Foi a partir desse trabalho com os centros educacionais que surgiu o projeto “Quebra mitos - Somos iguais”, do programa Juventude em Ação, da Comissão Europeia, executado pela Associação Hèlia. Trata-se de um programa de intercâmbio de conhecimentos e experiências entre um grupo de jovens do nosso país com jovens da Áustria, através da nossa rede associada, a WAVE. O objetivo é que os jovens trabalhem o problema a partir do seu próprio ponto de vista e a partir da sua própria experiência. Como os meninos e meninas encaram suas primeiras relações? Há violência? Há desigualdade e discriminação entre meninos e meninas? Sabem de algum caso em seus respectivos centros educacionais? A ideia é formar jovens agentes ativos

para a prevenção à violência de gênero.

Em Viena, um grupo de dez meninas e um menino, e, em Barcelona, um grupo de sete meninas e um menino, compartilharam e investigaram sobre quais problemas existem nas relações entre iguais, por que há violência onde deveria haver compreensão e amor, etc. Fizeram uma preparação durante alguns meses antes do intercâmbio, nos seus respectivos países, para fazer o encontro durante a semana de 13 a 20 de novembro de 2011, em Barcelona, coincidindo com o VII Fórum contra as violências de gênero. Durante a semana, foram realizadas várias atividades em grupos com cerca de 60 meninas e meninos em cada um.

Na segunda-feira, no instituto de Ensino Médio, foi realizada uma atividade sobre socialização preventiva à violência de gênero. Nesta linha, foi feita uma palestra focada em entender, por um lado, como, habitualmente, homens e mulheres se socializam vinculados à atração pela violência e como podem se socializar para a prevenção à violência de gênero. Depois da apresentação, todos trabalharam em pequenos grupos para trocar opiniões relacionadas com algumas das frases proferidas por adolescentes na apresentação sobre as relações afetivo-sexuais, e também com as propostas de prevenção comentadas. Houve reflexões interessantes sobre o papel central que tem a socialização de todas as pessoas em relação a este assunto, sobre como todo nosso entorno nos faz aprender sobre quais coisas devemos gostar e quais não. Ainda foi feita uma reflexão sobre a potencialidade que pode ter o fato de com-

partilhar com amigos e amigas o modo como socializamos esse assunto e como todos e todas podem formar parte de outra socialização.

No dia seguinte, estivemos em outro centro educacional estabelecendo um debate sobre a prevenção à violência de gênero e o assédio sexual. A atividade consistiu, no primeiro momento, em uma palestra sobre as medidas que executam as melhores universidades do mundo para prevenir a violência de gênero. Mais concretamente, vimos como a Universidade de Harvard e a de Wisconsin, universidades com mais prestígio internacional, conseguem a excelência sendo espaços sem violência. Em seguida, formaram grupos misturando os alunos e as alunas da Áustria com os da Espanha para trabalhar esses assuntos em espaços menores. Uma vez que cada grupo debateu sobre as práticas de êxito, compartilharam os resultados alcançados. Assim, um membro de cada grupo contava duas conclusões sobre o que foi debatido. Depois disso, abriram para discussão perguntas e esclarecimentos sobre os assuntos relacionados com a violência de gênero.

Alguns dos resultados que mais apareceram giravam em torno da educação e da socialização dos meninos e meninas contra a violência de gênero desde criança, desde o Ensino Fundamental I. Isso poderia ser feito através de cartazes e guias nas escolas, discussões e palestras abertas sobre o assunto. Tudo isso para conscientizar sobre o problema e poder fazer a prevenção. Além disso, todos os alunos e alunas concordavam com o compromisso que deve

ser cumprido de educar contra a violência nos centros educacionais.

Também foi destacada a importância da comunicação entre os diferentes espaços onde os alunos e alunas circulam, por exemplo, entre a escola e a família. Os estudantes acharam fundamental que os pais e mães saibam o que acontece na escola, as atuações que são feitas, e também que sejam formados e informados sobre violência e assédio para poder, assim, educar, atender e assessorar seus filhos e filhas.

No momento em que ocorria algum caso de assédio, se recitava a necessidade de atuar, de disponibilizar espaços nos centros educacionais e de profissionais que assessorem, ou associações, tanto por parte da direção como por parte dos alunos, já que é fundamental contar e falar sobre o assunto. Ou seja, ficou evidente a necessidade de normalizar a situação e apoiar a pessoa que explica seu caso. “Se somos muitas, é mais fácil solucionar a situação”, dizia uma menina do grupo.

Durante a quarta-feira, foi concretizada a proposta final, com 60 jovens de sete institutos no VII Fórum contra as violências de gênero. Os estudantes que participaram do projeto elaboraram, durante este período, dois vídeos que foram apresenta-

dos no fórum. A partir dos vídeos, eles empreenderam um debate sobre as questões: o que fazer diante da violência machista nas salas de aula? Como atuar nos centros educacionais? E terminaram com a proposta concreta de tornarem-se agentes ativos da igualdade contra a violência às mulheres.

Assim começamos o caminho para que as mesmas meninas e meninos dos

centros educacionais tomem a iniciativa e respondam sobre as dúvidas e problemas de seus companheiros e companheiras que estejam em relações afetivas. Esperamos que este caminho continue, que a formação na prevenção à violência de gênero e as atividades nos centros educacionais sejam uma realidade e que seja permitido aos jovens participar ativamente delas.

NÀIADES. ASSOCIAÇÃO DE JOVENS MULHERES FEMINISTAS

ESTHER GARCÍA YESTE/ COMUNICADORA AUDIOVISUAL

Uma tarde do verão de 2005, em um Café de Barcelona, foi fundada a Nàiaades. Associació Jove de Dones Feministes. Foi um grupo de amigas que, depois de um congresso onde foi proposto o “feminismo jovem”, começaram a refletir sobre o fato de que sua concepção de feminismo não estava contemplada nestas propostas. Defendíamos um feminismo dialógico (Puigvert, 2001) e inclusivo, da igualdade das diferenças e da solidariedade feminina. Certa vez, concretizando as bases do pensamento da associação, decidimos formalizá-lo e passar à ação. As reuniões mensais servem para discutir sobre feminismo, sobre como somos representadas nos meios de comuni-

cação e também para falar da violência de gênero. Também servem para falar da maneira que nos afeta como mulheres jovens e de como fazer a prevenção. Neste último ponto foi onde começamos a centralizar nossas energias, pois é um dos problemas mais graves que nos afetava e oprimia. Para trabalhar com isso, escolhemos a linha de Socialização preventiva à violência de gênero e, assim, aprofundamos no modo de socialização que temos desde criança, através de meios de comunicação, situações, diálogos e atitudes deste tipo de violência.

Acreditávamos firmemente que a melhor maneira para trabalhar com a prevenção à violência de gênero era começar com as crianças. Então, decidimos realizar, ocasionalmente, oficinas com estudantes do Ensino Médio. Essas oficinas são realizadas

nas escolas públicas de Ensino Médio da província de Barcelona.

Uma das primeiras oficinas que fizemos foi intitulada “Vamos dar ritmo ao amor”. Nesta oficina, com pequenos grupos de alunos do Ensino Médio, foram analisadas músicas conhecidas que tocavam em uma rádio. Por exemplo, uma das músicas analisadas foi Mínta pra mim, castigue-me, de David Bisbal, que, naquele momento, tocava repetidamente nas rádios espanholas. O objetivo principal era refletir sobre as relações afetivo-sexuais através das músicas. O que nos transmitiam sobre o amor e a atração? Dizem que o amor está ligado à violência ou não? E a paixão?

Primeiro, foram explicados conceitos fundamentais, como: desprezo, paixão, proibições, desejo, sofrimento, possessão,

FORMAÇÃO PARA A IGUALDADE E PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA: TERTÚLIAS LITERÁRIAS DIALÓGICAS

EVA MARIA TESTA TELES/ EMEB JANETE
M.M.LIA

Sou professora de meninos e meninas de 10 anos, na EMEB Janete M.M. Lia, uma escola que é comunidade de aprendizagem desde 2005, na cidade de São Carlos, Brasil.

Como professora pude presenciar, muitas vezes, o modo pelo qual os meninos e as meninas discutem sobre as relações de gênero, principalmente sobre o problema da participação das meninas em jogos tradicionalmente considerados de meninos, como é o caso do futebol, mas também sobre estar apaixonado e sobre comportamentos violentos dos homens em relação às mulheres. Por este motivo, pensei em promover um espaço de diálogo e formação preventiva à violência de gênero, através das tertúlias literárias dialógicas (TLD) que já eram desenvolvidas em sala. Havia começado a realização de tertúlias literárias dialógicas com meninos e meninas em 2009 e havia comprovado sua efetividade durante seu desenvolvimento. Assim, decidi levar para ler nas TLD livros que estimulassem mais diretamente a discussão sobre as relações de gênero.

Com as tertúlias literárias dialógicas, eu pretendia ampliar, na sala de aula, o espaço para dialogar sobre as desigualdades e violência nas relações de gênero, desejando que os meninos e meninas pudessem refletir sobre as relações de gênero, os motivos das desigualdades, e como prevenir a violência de gênero. O que saía nas discussões era que os meninos e meninas defendiam seu ponto de vista sem se preocuparem verdadeiramente com o que as outras pessoas diziam.

Nessa atividade, a mediação de uma pessoa adulta é extremamente im-



portante: as perguntas que provocam reflexão, os momentos de silêncio que permitem entender os diferentes argumentos, as conversas solidárias que começam a sair... Todo o ambiente tem que estar preparado de tal modo que os meninos e meninas percebam que não se trata de uma disputa sobre quem tem razão e quem não tem, mas, ao contrário, que é preciso refletir sobre as coisas que não são boas para as pessoas e que precisam ser superadas. Então, começaram a surgir as perguntas e os argumentos igualitários por parte dos próprios meninos e meninas.

Como exemplo de diálogo estabelecido durante as tertúlias literárias dialógicas como prevenção à violência de gênero, lembro da conversa sobre um menino que era adorado por muitas meninas da escola. Diziam que, a cada dia, ele escolhia uma menina para “fi-

car”, e durante esse dia, a menina eleita brigava com as colegas. Esta situação foi se repetindo e gerou muita polêmica entre meninos e meninas.

Aquele dia, dialogamos muito sobre demonstrações de amor, de paixão, padrões de beleza, idade para começar uma relação amorosa, o tipo de comportamento que o menino apresentava e o modo em que as meninas alimentavam esse comportamento. Um argumento de um menino, Gabriel, sintetizou as reflexões obtidas através do diálogo: “Eu não sei porque elas gostam desse menino. Elas não percebem que ele não gosta de nenhuma delas? Ele fica rindo, enquanto as meninas brigam para ficar com ele. Isso não tem nenhum sentido...”

Depois disso, uma das meninas veio me mostrar a carta que havia escrito para um menino, “seu namorado”, e

ela me perguntou se deveria entregá-la. Ela já havia enviado, antes disso, duas cartas, e ele não havia respondido nenhuma. Dialogamos e ela decidiu não entregá-la. Foi um momento muito significativo, pois eu pude perceber que as discussões que surgiam na sala de aula levaram esta menina a avaliar suas próprias atitudes e a do menino. Talvez ela tenha dado valor à conversa depois de ter escutado seus próprios colegas falando sobre esse assunto.

Resumindo, proponho a atividade de TLD para discutir e dialogar sobre igualdade de gênero e como espaço de prevenção à violência contra a mulher, o que me permite acompanhar discussões muito interessantes sobre violência e também sobre conquistas nessa área. Nessa atividade, dialogamos sobre as desigualdades existentes e também sobre a possibilidade de superá-las. Certamente estas conversas ajudam os meninos e meninas agora e no futuro, tanto na sua formação como na hora de procurar relações mais igualitárias e felizes, e oferecem mecanismos para evitar a atração pela violência, seja física ou emocional.



REFERÊNCIAS

» MELLO, Roseli, R. et al. Tertúlia Literária Dialógica. Artigo apresentado no 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária – Belo Horizonte 12 a 15 de setembro de 2004.

» GIOTTO, Vanessa C. Leitura Dialógica: primeiras experiências com Tertúlia Literária Dialógica com crianças em sala de aula. Tese de doutorado apresentada pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Paulo, sob a supervisão da Professora Dra. Roseli Rodrigues de Mello, 2011.